

Lila Azam Zanganeh: a poesia da felicidade

Por Meire Kusumoto

05/07/2013

A escritora franco-iraniana Lila Azam Zanganeh, atração desta sexta-feira da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), onde participa de mesa sobre o prazer do texto, ao meio-dia, tem apenas um livro lançado até agora, *O Encantador – Nabokov e a Felicidade* (tradução de José Luiz Passos, Alfaguara, 296 páginas, 42,90 reais), mas seu nome já figura na lista das apostas dos críticos literários. Em parte, isso se deve à repercussão da mistura de ensaio, romance e biografia sobre o russo Vladimir Nabokov, sobre a felicidade que ele descrevia em sua obra e sobre a paixão que a jovem escritora encontrou ao ler seus livros. Outra parte dessa aposta se deve, muito provavelmente, à trajetória de Lila, que nasceu em Paris de pais iranianos, mas mudou-se para os Estados Unidos aos 22 anos e deu aula de cinema e literatura em Harvard, colaborou com alguns dos jornais mais importantes do mundo e se tornou fluente em seis idiomas.

O Encantador – Nabokov e a Felicidade se divide em quinze capítulos que procuram explicar a felicidade segundo a obra do escritor russo. Para Lila, a compreensão de Nabokov da felicidade é mais profunda do que a de qualquer outro autor, mesmo que isso não necessariamente signifique que seus personagens sempre consigam um final feliz. O livro mescla uma leitura apurada da obra de Nabokov — Lila diz ter lido cada obra mais importante apenas duas vezes, mas cada leitura lhe tomava meses — e

uma verdadeira paixão pela forma e pelo conteúdo dos livros do russo, que dá um tom pessoal e poético às memórias.

“A profunda alegria que encontrei em Lolita ou Ada ou Ardor vem de outra fonte. Está conectada a uma experiência de fronteira, uma experiência de limites (no sentido quase matemático de um final aberto), que por sua vez torna-se algo de poesia extrema. E tal poesia é plenitude.”

Mesclados com as definições de felicidade, estão dados biográficos do russo e da própria Lila, que deixa transparecer semelhanças entre suas histórias de vida, principalmente pelas perguntas que faz em uma entrevista imaginária descrita no capítulo dez. A pauta se volta inicialmente para as questões sobre a origem do autor e sua experiência como estrangeiro (ou exilado) nos Estados Unidos. Assim como Nabokov, que deixou sua língua materna para se aventurar na literatura em inglês, Lila cresceu falando persa em casa, mas decidiu construir sua carreira literária em língua inglesa.

“O que a América significou para você como exilado russo?”

Em minha memória, equiparo a intrincada concepção de um problema no jogo de xadrez com o exílio, e penso na solução enganosamente simples como a jogada final que alcancei por caminhos sinuosos: América! Não vou negar, em minha vida adulta fui mais feliz na América do que em qualquer outro lugar.”

Confira a entrevista de Lila Azam Zanganeh ao blog VEJA Meus Livros.

Você é considerada por críticos literários uma das jovens autoras mais promissoras da atualidade e seu livro, *O Encantador – Vladimir Nabokov e a Felicidade*, foi muito bem recebido. Como se sente por

tudo isso? Eu acho que as aventuras com O Encantador foram um pequeno milagre. E serei eternamente grata à minha agente, Nicole Aragi, a única pessoa do meio editorial que teria aceitado apoiar a publicação de um livro tão pouco atraente. Ela me deu a mão durante todo o percurso porque tem uma paixão ardente por ajudar mudas verdes a se transformarem em plantas.

Em *O Encantador*, você diz que, assim como Nabokov, você sente aversão à política. Por quê? Você acha que sua origem faz com que as pessoas esperem que você fale de política? Nabokov tinha aversão à política. Não por si mesma, mas com relação à arte. Ele pensava que arte relacionada à política simplesmente se transformava em propaganda. Romances, grandes façanhas da imaginação, trabalhos de beleza, não poderiam e não deveriam ser simplesmente instrumentos para se propagar programas políticos. E sim, eu sinto que, porque sou iraniana, as pessoas esperam que eu escreva e fale sobre política e sobre identidade. Mas acredito fortemente que a literatura do futuro vai ser feita de autores transnacionais, livres para escrever ou não escrever um livro sobre origens.

Você acha que Nabokov foi influenciada pelo fato de estar longe do lugar onde havia nascido? Você se sente influenciada por sua origem, de alguma maneira? Ele era. Ele mesmo dizia isso. No maravilhoso posfácio de *Lolita*, ele fala de um “pano de fundo de veludo preto”, da língua russa, das alusões e ilusões, do mágico que ele era em sua própria língua,. E parte da mágica de sua prosa em inglês — já que ele trocou de língua aos 40 anos de idade — é um eco da textura de seu russo, de sua sensualidade e sensibilidade russas. Para mim, a questão da origem é mais complexa, uma vez que passei apenas um mês no Irã, quando ainda era criança, depois de nascer em Paris. Mas, sim, acredito que o fato de ter uma origem do leste do mundo e falar persa em casa naturalmente

influenciou minha imaginação e sensibilidade, meu amor por luz e meu interesse pelo “outro mundo” de que Nabokov se lembra em quase todas as suas obras.

Seu estilo em *O Encantador* lembra o de Nabokov em algumas passagens. Foi uma intenção desde o começo? Ou você acha que seu estilo foi naturalmente influenciado pela paixão que você tem pelo trabalho dele? Obrigada... isso é um elogio. Mas não posso dizer que era a minha intenção. Isso seria um trabalho arriscado, tentar escrever como Nabokov. E, de fato, quando o único filho de Nabokov, Dmitri — um crítico duro — leu meu livro e depois escreveu sobre ele, disse que eu tinha encontrado minha própria voz, que não imitava a de seu pai. Para mim, isso foi extremamente significativo, porque é claro que uma parte do meu inglês foi influenciado por Nabokov. Acontece uma osmose natural, então parte do meu inglês é nabokoviano, sem dúvida, mas eu sabia, enquanto escrevia *O Encantador*, que estava encontrando meu próprio caminho na língua.

Além de Nabokov, que outros autores te influenciaram? A lista é muito ampla. Eu amo poesia, W. H. Auden, John Keats, Pablo Neruda, Fernando Pessoa. Eu amo Homero, *A Odisseia*, em particular. Há um vocabulário iluminado em *A Odisseia* que inspira quase tudo que eu escrevo. E, é claro, admiro muito James Joyce, sua música, sua sinfonia selvagem em inglês.

Você já contou quantas vezes leu cada livro de Nabokov? Ah! Não, mas não seriam tantas, porque eu leio devagar. Demorei cinco meses para terminar *Ada* ou *Ardor* quando li pela primeira vez. Eu acho que li as principais obras duas vezes cada, o que já significa muitos anos lendo Nabokov, levando em consideração quão lenta eu sou! Mas eu constantemente vou até algumas páginas aleatórias e as leio. “O

verdadeiro leitor”, disse Nabokov uma vez, “é quem relê”. O companheiro sonhador.

Você acha que Nabokov realmente entendeu a felicidade, de tal maneira que outros escritores não conseguiram entender? Sim, de outra forma não teria escrito esse livro. Tudo se concentra na questão da luz. A felicidade é uma maneira de enxergar, de perceber a luz. E, no final das contas, também é “uma emoção de gratidão a quem possa interessar” (citando Nabokov em Fala, Memória). E ninguém que eu já li expressou essa gratidão de forma tão profunda, que parece se infiltrar em cada página que ele escreveu. É o êxtase de que John Updike falou quando escreveu sua famosa frase: “Nabokov escreve prosa da única maneira que deveria ser escrita, isto é, em estado de êxtase”.

Você está escrevendo seu primeiro romance, *The Orlando Inventions*. Como está o andamento do trabalho? Estou trabalhando duro, todos os dias, várias horas por dia, a não ser quando estou viajando para divulgar O Encantador, como é o caso agora, no Rio de Janeiro e em Paraty. É uma aventura completamente diferente. O livro é um romance que atravessa catorze séculos, sobre amor.

Como é sua rotina? Escrevo todos os dias, geralmente das 11h até as 17h ou as 18h. É o único jeito. No começo, o corpo e a mente resistem, depois você sente que sua frequência cardíaca está desacelerando e o tempo começa a passar sem que você perceba. É sempre difícil, mas quando atinge o ponto em que esquece o tempo, você sabe que algo está dando certo.

Você já esteve no Brasil em 2012 e voltou nesta semana. Como foi a experiência aqui no ano passado? O que espera da visita que está fazendo agora? No ano passado, eu vim pela primeira vez e me apaixonei

pelo país. Há essa incrível energia positiva que todos nós temos, mas perdemos no Velho Mundo. Os brasileiros também me lembram muito os iranianos por sua gentileza e cordialidade combinadas com uma paixão ardente. Este ano, vai ser completamente diferente, como estou a trabalho. Mas é ainda mais animador, de certa forma. Eu me sinto bem-vinda aqui, como uma criança sem pátria de pais exilados, eu sempre me sinto extremamente grata quando sou acolhida em algum país. Sinto que encontrei uma nova casa.

Você já leu algum autor brasileiro? É verdade que está aprendendo português? Sim, eu já li Carlos Drummond de Andrade e Paulo Leminski e me impressionei com os dois. Agora estou lendo o português Fernando Pessoa com meu professor, Pedro Martins, da USP. Eu já tinha lido Pessoa em francês e acho a língua portuguesa muito desafiadora. Mas eu amo poemas místicos. Geralmente, aprender uma nova língua me dá grande prazer, como desvendar um mistério metafísico. Cada vez que você dá um nome a uma árvore em uma nova língua, algo da natureza dessa árvore se revela para você.

Você tem algum outro projeto, além do lançamento de *The Orlando Inventions*? Sim, estou trabalhando em uma versão para o cinema de O Encantador. Estou escrevendo o roteiro em conjunto com Jesse Lichtenstein, que geralmente trabalha com Chris Terrio, premiado agora no Oscar por *Argo*. Nosso filme será obviamente diferente do meu livro, será um thriller literário sobre uma jovem mulher que descobre a verdadeira história por trás do livro mais controverso do século XX.